

A atividade do pensamento nas reflexões políticas de Hannah Arendt

Igor Vinícius Basílio NUNES

Adriano Correia SILVA (orientador)

Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia (Fafil)

ivbnunes@hotmail.com

Bolsista CNPq

Palavras-chave: Pensamento; Política; Ética; Tradição

INTRODUÇÃO

O intuito desse texto dissertativo é percorrer caminhos que reestruturem a noção de *atividade do pensamento*, no quadro conceitual de Hannah Arendt, em íntima relação com o que ela entende pelos assuntos políticos e morais.

O principal problema de pesquisa pode ser resumido ao se comparar duas obras filosóficas distintas e fundamentais da autora: no prólogo de *A Condição Humana*, obra publicada em 1958, Hannah Arendt destaca a reflexão sobre “o que estamos fazendo” como tema central do escrito; quinze anos depois, na introdução de *A Vida do Espírito*, livro editado postumamente, sua principal preocupação se mostra em entender “o que estamos ‘fazendo’ quando nada fazemos a não ser pensar?”. A primeira questão, “o que estamos fazendo”, revela não só a intenção de Arendt em examinar as atividades fundamentais da *vita activa* e componentes elementares da condição dos homens no mundo – o trabalho, a obra e a ação – como também se trata de uma reconsideração histórico-filosófica da natureza da sociedade ocidental que, na era moderna, perdeu os valores do espaço público e da ação enquanto garantia de liberdade – fatos que se relacionam intimamente ao conjunto de outros momentos das investigações da autora, como o surgimento do totalitarismo enquanto efeito mais grave da crise política do século XX. A segunda questão, “o que estamos fazendo quando nada fazemos”, impõe a ela a tarefa de reflexão sobre a própria atividade de refletir, trata-se de uma virada sobre a própria mente humana, sobre um objeto não dado à percepção sensorial, mais

precisamente, sobre o pensamento – que se realiza fora do mundo das aparências, fora de qualquer espacialidade, num presente atemporal. Contudo, a hipótese guia do trabalho é que essa mudança de terminologia, a despeito de representar uma evidente mudança de assunto ao longo de suas pesquisas, não significa uma alteração radical dos principais problemas examinados por Arendt, pois é em vista dos assuntos humanos, é em preocupação com aquilo se dá em meio à pluralidade humana, preocupação com a política e com a moral, que ela se aventura pelos domínios das atividades espirituais – dentre estas, a atividade de pensar.

MATERIAL E MÉTODOS

O material de pesquisa se resume a obras primárias em língua estrangeira e portuguesa, ou seja, escritos de Hannah Arendt, e, não obstante, obras secundárias – de intérpretes da pensadora alemã, bem como de autores (outros filósofos) citados por Arendt ao longo de suas argumentações. Dessa forma, o método que oferece fundamentos para a escrita da dissertação pode ser definido como bibliográfico qualitativo e comparativo

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para Arendt, a dominação totalitária em seu ineditismo na história humana, como um fato determinado na Alemanha de Hitler e na Rússia stalinista, rompeu com as categorias usuais de pensamento ocidental e, assim, não poderia ser compreendida pela tradição de pensamento político erguida desde os ensinamentos de Aristóteles e Platão. Isto quer dizer que todos os valores, construídos historicamente, se tornaram fugidios perante o horror das ações de um domínio total que alcançou o patamar de mudança da própria natureza humana, por exemplo, na construção de algo como os campos de concentração, e que fez aparecer uma espécie de maldade que nem sequer tem grandeza e traços demoníacos, que, concretizada na imagem de Eichmann, representava a superficialidade de um burocrata “normal” que apenas procurava obedecer às ordens superiores, mesmo que isso significasse “embarcar

milhões de homens, mulheres e crianças para a morte, com grande aplicação e o mais metuculoso cuidado”.

Contudo, cabe ressaltar que desde *Origens do Totalitarismo*, sua primeira obra editada, Arendt luta contra a tendência de a compreensão humana tentar diminuir o impacto dos fenômenos mundanos, tentar interpretar a história por meio de “lugares comuns” e deixar com que os horrores do presente se escondam em um passado esquecido e superado. Para ela, a compreensão deve encarar a realidade sem quaisquer tipos de preconceitos, deve “examinar e suportar conscientemente o fardo que o nosso século colocou sobre nós”, e não procurar abrigo na “desmundialização”, ou seja, no alheamento diante do mundo e da constante influência de seus processos históricos. Assim, para ela, os governos totais devem ser estudados como acontecimentos originais e nunca antes conhecidos (diferentes de ditaduras, tiranias, imperialismos e despotismos), e se “nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento”, se o fio que nos ligava ao passado foi rompido, se o silêncio da tradição não consegue dar respostas às perplexidades modernas, ainda assim, o pensamento desdoutrinado pode dar início ao processo de significação e à compreensão do desconhecido.

Para melhor explicar esse processo de compreensão, desenvolvo um pouco do funcionamento da atividade de pensar, segundo a autora alemã. Ao examinar a atividade do pensamento, Arendt tem sempre em mente a notória distinção kantiana entre pensamento (*razão – vernunft*) e conhecimento (*intelecto – verstand*). Ela afirma que Kant não percebeu que com esta diferenciação – que tinha o objetivo de traçar os limites do conhecimento sobre coisas que a razão, no entanto, continuava a pensar (como as questões metafísicas de Deus, liberdade e imortalidade) – ele não abria espaço para a fé, mas, sim, para o pensamento. Isto é, ela concorda que o conhecimento se liga àquilo que se dá na cognição, trata-se da comprovação da existência de algo, de uma busca pela verdade ao passo que produz resultados específicos e precisos. O pensamento, por sua vez, como faculdade distinta do conhecimento, se caracteriza pela reflexão, pelo interrogar, questiona o sentido de tudo o que acontece, busca pelo significado de alguma coisa, trata-se de especulação que

nunca irá oferecer os mesmos resultados precisos dos processos cognitivos, pois lida com invisíveis, com algo que “não está à mão”.

Além disso, pensar é interromper qualquer ação, trata-se de uma auto-transferência para um lugar onde passamos a fazer companhia somente para nós mesmos, em suma, é uma atividade que articula o estar sozinho. Para melhor explicar, Arendt remonta ao *dois-em-um* socrático com a intenção de demonstrar que ao pensar estamos convivendo e dialogando silenciosamente com nós mesmos. A partir daí percebe-se que, para Arendt, o simples pensar não se relaciona diretamente com o mundo, apenas torna mentalmente presente algo que está objetivamente ausente em um mundo do qual nos retiramos justamente para realizar o pensamento. A atividade, então, é intrinsecamente universalizante e não desencadeia substratos concretos, por isso produz resultados incertos, pouco sólidos, “é como a teia de Penélope: desfaz-se toda manhã o que foi terminado na noite anterior”. Apesar de não produzir resultados concretos, é de extrema importância o fato de que o pensamento se realiza independentemente de conteúdos determinados, sem aparato conceitual prévio, podendo se basear por simples experiências. Em uma discussão acadêmica, Arendt comenta: “Qual é o objeto de nosso pensamento? Experiência! Nada mais”. Desse modo, é essencialmente a partir dessa característica que o pensamento pode oferecer significado em tempos que a tradição se revela impotente, tempos em que “as coisas se despedaçam; o centro não se sustenta; a mera anarquia está solta no mundo”.

Assim, a compreensão que, para Arendt, permite aos homens reconciliar com a realidade, na tentativa de se sentirem em casa no mundo, é colocada em movimento pela atividade do pensamento que não precisa se moldar e se compor por meio de hábitos e valores tácitos, podendo funcionar espontaneamente. Compreender o mundo a sua volta é “aprender a lidar com o que irrevogavelmente passou e com o que inevitavelmente existe”, e se somos *do mundo* ao invés de estarmos meramente no mundo, como Arendt ressalta, a atividade de pensamento, intrínseca a compreensão, revela uma de suas importâncias ao domínio dos assuntos humanos: a importância de oferecer referências à orientação dos homens no mundo, de dar bases à convivência com outras pessoas e de, no final das contas, preparar o terreno para um novo começo – que só será realizado efetivamente mediante a ação humana.

CONCLUSÕES

Tendo em vista que aqueles que pensam são *dois-em-um*, segue-se que tais sujeitos pensantes experimentam certa pluralidade ao praticarem um diálogo silencioso consigo mesmos. Este diálogo mudo, segundo Arendt que recorre a duas afirmações interrelacionadas de Sócrates no diálogo platônico *Górgias*, prezaria por harmonia acima de tudo, pois seria “melhor sofrer o mal que o cometer” e “seria melhor [...] que multidões de homens discordassem de mim, do que eu, *sendo um*, viesse a entrar em desacordo comigo mesmo e a contradizer-me” É como se a atividade do pensamento colocasse os indivíduos num estado de consciência de si mesmos e, a partir da outra identidade que se forma nessa consciência, resulta-se a chamada consciência moral.

Não obstante, o pensamento, ao examinar e destruir doutrinas e convicções, abre espaço para a atuação de outra faculdade do espírito humano: a faculdade do juízo que, de acordo com Arendt, é a atividade que julga os particulares sem subsumi-los a regras gerais e, desse modo, torna-se “a mais política das capacidades humanas”. Afinal, para ela, a política é a esfera das contingências, da ausência de dados absolutos; e o juízo que deriva do efeito liberador do pensamento, torna o próprio pensamento manifesto no mundo das aparências a partir do momento em que consegue distinguir o certo do errado, o belo do feio, sem subsumi-los a um conceito geral. E isso pode até não prevenir catástrofes para o mundo, mas “pode sem dúvida prevenir catástrofes, ao menos para o eu”. São nos momentos em que o mundo está deteriorado que a reflexão interiorizada se mostra ainda mais ativa e ainda menos solitária, resguardando a pluralidade humana em si mesma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *A Vida do Espírito*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2009.
- _____. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.